

ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar culturas,
memórias, identidades e patrimônios

Edição nº 4 - Julho/agosto 2023

Rogai por nós!

Imagem de Santana ficava no prédio da Escola que
leva seu nome e que hoje se deteriora em abandono

 /ROTHACULTURAL

R\$7,5 milhões para preservar a cultura imaterial

PROPOSTAS E PROJETOS PODEM SER ENVIADOS ATÉ 8 DE SETEMBRO

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) disponibiliza R\$ 7,5 milhões para projetos que colaborem para a salvaguarda e preservação do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Os recursos integram o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI).

Conforme o instituto, a retomada desse investimento visa fomentar iniciativas voltadas para as culturas populares e tradicionais e para a diversidade

linguística do país.

As propostas devem ser apresentadas até 8 de setembro exclusivamente, pela plataforma online Transferegov, utilizada para a transferência de recursos do governo federal.

Quem pode participar?

Podem participar da seleção, órgãos e entidades dos

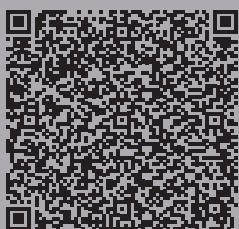
governos federal, estaduais, instituições de ensino superior, organizações da sociedade civil, agências de desenvolvimento e organizações privadas ligadas à cultura e à pesquisa. “Organizações da sociedade civil selecionadas devem celebrar convênios; órgãos e entidades da administração pública estadual vão firmar termos de colaboração; e as instituições federais, termos de execução descentralizada”, informa o Iphan.

O edital é dividido em três linhas temáticas:

- A primeira é voltada a projetos de pesquisa e identificação de bens culturais imateriais utilizando o novo Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Os projetos devem ter orçamento entre R\$ 200 mil e R\$ 500 mil.
- A segunda linha abrange projetos de pesquisa sociolinguística que utilizem como referência o Guia do Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Estão disponíveis apoios entre R\$ 150 mil e R\$ 400 mil para os projetos dessa linha.
- A terceira é voltada a projetos de apoio e fomento aos bens culturais registrados como Patrimônio Cultural do Brasil, inscritos em um dos Livros de Registro do Iphan. Podem se inscrever projetos entre R\$ 150 mil e R\$ 300 mil.

O presidente do Iphan, Leandro Grass, diz que a nova edição do PNPI representa “a retomada da valorização do patrimônio imaterial, da cultura popular e dos saberes tradicionais”.

Mais detalhes sobre o edital, bem como orientações sobre a submissão de propostas, estão disponíveis no site do Iphan. Acesse o QR-Code



Patrimônio Cultural Imaterial

Patrimônio cultural imaterial ou patrimônio cultural intangível é uma categoria de patrimônio cultural definida pela Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial e adotada pela UNESCO, em 2003. Abrange as expressões culturais e as tra-



Fotos: Reprodução



Em Monlevade, Guardas de Congado são registradas como bens culturais imateriais

dições que um grupo de indivíduos preserva em respeito da sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio imaterial: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições. (com informações da Agência Brasil)

EXPEDIENTE: JORNAL ROTHACULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ rothaassessoria@yahoo.com

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida - Tiragem: 1.000 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição: Maria Auxiliadora Pesce - France Gripp

Mesmo tombado, patrimônio histórico é retrato do descaso

A Constituição brasileira afirma que o Poder Público, junto da comunidade, “deve promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”. O prédio da antiga Escola Estadual Santana pertence ao Estado e embora tombado pelo município, está em situação oposta do que prevê a Carta Magna.

Em situação deplorável, a sede da escola, inaugurada em 1961 e por onde décadas estudaram gerações, sofre há anos com o abandono e o descaso dos poderes públicos, tanto municipal quanto estadual.

Por ordem do Governo de Minas em 2016, a escola foi fechada. A justificativa foi a contenção de gastos, já que à época, apenas 200 alunos estavam matriculados. Eles foram transferidos para outras escolas da cidade.

Com o fim das atividades educativas, o edifício, desde então, vem sofrendo a ação do desprezo: os vitrais e janelas foram completamente depredados, a fiação roubada, assim como pias, torneiras, portas. O mato tomou conta. Pichações e sujeira invadem os espaços que antes eram dedicados ao saber.

Recentemente, o espaço se tornou abrigo de animais abandonados, onde se viviam 56 cães e 18 gatos. O caso foi

denunciado na Câmara Municipal, em março deste ano, pelo presidente em exercício do Conselho Municipal de Proteção Animal (Compa) e Presidente da Associação dos Moradores do Bairro Centro Industrial, o advogado Carlos Alberto dos Santos, o Doquinho. Em maio, a Justiça determinou a desocupação do prédio e a retirada dos animais. Fato é que o prédio segue deteriorado, em total descaso com a memória do município.

Prefeitura quer imóvel, mas não há projeto para o local

Reprodução



Erivelton Braz



Desde a sua inauguração, a escola abrigava a estátua de Nossa Senhora de Santana, padroeira da educação. Datada de 1961, a obra foi esculpida por C. Campos O. e veio do Rio de Janeiro como presente da então Cia. Siderúrgica Belgo Mineira. A imagem, tombada como patrimônio histórico material da cidade, após o fechamento da escola, foi levada para igreja São José Operário, onde está até hoje.

A Prefeitura alega inúmeras tratativas para que o estado doe o prédio para o município. Mesmo tombado pela Lei Orgânica Municipal, o Estado ainda não liberou o imóvel. Conforme ofícios nº 337/2022 e nº 373/2022 da Secretaria de Estado de Planejamento (Seplag) à Prefeitura, o governo estadual afirma “que possui interesse na cessão do bem” ao município.

No entanto, pediu que a administração municipal solicitasse a “doação e imediata cessão de uso do imóvel com a finalidade pública que deseja atribuir ao mesmo”. Ou seja, um projeto ou proposta sobre o destino que a Prefeitura daria ao prédio. Questionada a respeito, a Prefeitura respondeu que “a administração municipal sempre pleiteou a doação do prédio para o muni-

cípio. No entanto, sem efetivar a doação não é possível dizer o que será feito no local”. A falta de proposta para a destinação do imóvel é justamente um dos entraves para resolver a situação da Escola Santana. Enquanto isso, o prédio segue se deteriorando.

IMPORTÂNCIA ARQUITETÔNICA

A Escola Santana foi construída pela então Companhia Siderúrgica Belgo Mineira e foi inaugurada no dia 14 de abril de 1961, pelo então governador de Minas, Magalhães Pinto. Embora fosse a quarta escola construída na cidade, foi a primeira a ter uma arquitetura institucional implantada em João Monlevade.

O projeto foi assinado pelo arquiteto Hugo Atella que trouxe uma linguagem modernista que ressoava os ideais pensados pelo engenheiro Lúcio Costa, construtor de Brasília. O imóvel carrega toda a modernidade arquitetônica, do concreto pairando no ar. Seus vãos, se assemelham ao do Museu de Artes de São Paulo (Masp), com pilotis, elementos vazados, painéis de brise soleil, rampas de ligação, dentre outros elementos da arquitetura moderna nacional.

Além do design imponente, o exterior era revestido de pastilhas vidrosas que formavam um grande mosaico de Nossa Senhora de Santana. A autoria da obra de arte, segundo relatos, é do grande muralista italiano Alfredo Mucci, que fez história no Brasil com painéis, murais e fachadas em diversas cidades brasileiras a partir dos anos 1950.

A AMANTE

(*) Maria Auxiliadora Pesce

Álbum de família



*Maria Auxiliadora Pesce, Dôra, é professora aposentada, de vez em quando escreve contos e crônicas. Já colaborou com vários jornais e trabalhou em assessorias de comunicação no setor público. É filha primogênita de Nonô Alfaiate com quem está na foto.

PAINEL ELETRÔNICO DE VOTAÇÃO, SINÔNIMO DE MODERNIDADE E TRANSPARÊNCIA

A partir de agora, as votações nas reuniões ordinárias da Câmara Municipal serão feitas pelos vereadores em um equipamento moderno e o resultado transmitido no Pannel Eletrônico. Além disso, a população poderá acompanhar de forma clara e objetiva toda a reunião.

Um avanço tecnológico que vai conferir mais eficiência, agilidade e transparência nas decisões. Tudo para fortalecer a democracia e melhorar ainda mais a nossa cidade.

elaboreon



Câmara Municipal de
João Monlevade
BIÊNIO 2023/2024
Câmara forte, cidade forte!

A vida inteira, ouvi minha mãe dizer que a alfaiataria era a amante do meu pai. Dizia ela: ‘Você não larga a sua amante’, ‘Você fica mais tempo com sua amante do que comigo’, ‘tudo seu agora é a amante’, quem não conhecia o casal, poderia até pensar outra coisa, mas a dona Vera tinha muito ciúme da alfaiataria, porque era lá que o meu pai realmente passava a maior parte do tempo, uma vez que trabalhava o dia inteiro, já a partir de 4 horas da manhã e, às vezes, se estendendo até 19 horas. Era uma época de abundância, muito serviço e alguns funcionários para administrar. Nonô foi ficando famoso: “Nonô Alfaiate”, como é conhecido até hoje. A alfaiataria, em prédio próprio, construído com muito sacrifício, dinheiro emprestado a juros altíssimos da época, era seu orgulho maior, seu grande projeto de vida e sua grande motivação para seguir cuidando da família, uma prole de 6 filhos. Tinha que trabalhar muito para, principalmente, pagar o que devia, pensava ele.

Daí, o ciúme da esposa, que ficava em casa, lastimando a dedicação exacerbada do marido àquele projeto que a botava pra escanteio todos os dias. Dizia para todo mundo que a alfaiataria era a amante dele, que tudo dele era a amante! Eu, particularmente, sempre achei que era exagero dela, que era normal ele ficar o tempo todo lá, pois era seu local de trabalho, afinal, quem trabalha fora, fica ausente do lar a maior parte do tempo, é verdade!

Bem, com a morte da minha mãe, fui morar com o Nonô e, durante a nossa convivência, foram surgindo algumas necessidades como, por exemplo, amolar facas de cozinha, e o esmeril, estava onde? Na amante. Caixa de ferramentas, estava onde? Na amante. Documentos dele, de mãe, do meu irmão que morreu, estavam onde? Na amante. Escrituras, estavam onde? Na amante. Contas pagas, estavam onde? Na amante. Coleção de relógios, estava onde? Na amante. É... Minha mãe tinha razão.

Uma vida entre tecidos e tesouras

Geraldo de Barros Soares, o conhecido Nonô Alfaiate, nasceu em Sem-Peixe, quando ainda era Distrito de Dom Silvério. Mudou-se para Monlevade em 1974, há quase 50 anos, em busca de melhor qualidade de vida.

Ao lado da esposa, a saudosa Vera Soares, companheira da vida inteira, criou seis filhos, sendo cinco mulheres, buscando o sus-

tento da família entre linhas, tecidos e agulhas. O ofício de alfaiate, costurando ternos, camisas e roupas sociais, ele aprendeu aos 15 anos, com o “compadre Vicente”.

Hoje, aos 90, acumula 75 anos de profissão.

Ele não faz mais ternos, mas às vezes, faz reparos e consertos mais simples, como aperstar e fazer bainha em calças.

Monlevade: no vai e vem entre GV e BH

(*) France Gripp

A distância de 316km entre Belo Horizonte e Governador Valadares é percorrida em uma estrada difícil de ser vencida. Tem sido a linha entre dois pontos, mais frequentada por mim, no correr dos tempos, e por muita gente!

A BR-381 leva a fama de problemática, mas a BR-262 tem parte na história, porque as duas compartilham o mesmo traçado por 120km em direção a João Monlevade, entre belas paisagens, mas sob a tensão de se rodopiar por 250 curvas.

Caso você não tenha a sorte de voar em uma nuvem azul, ou de comprar um bilhete para viajar de

trem posto em sossego, sentirá alívio quando, nessa rodovia, vir surgir o pico do Ibituruna. De Ipatinga até GV, as retas na planície fazem a rodagem bem moleza.

Em sentido oposto, quando colinas, anunciam Ravena/Sabará, uma sensação de segurança também virá, em que não

podemos confiar. As incertezas são muitas no percurso - longas filas por causa de pontos interditados, desvios, desmoronamentos, acidentes, sem falar nos abusos na direção. Por causa tudo isso, inevitável cansaço.

Alguns dizem - ora, essa estrada já foi pior. Precisava ver como era antigamente - insistem outros. O epíteto "rodovia da morte" é de arrepiar, mas, infelizmente, confere com a realidade trágica, consequência da irresponsabilidade de muitos.

Nessa história de vai-e-vem, a cidade de João Monlevade se tornou meta de meia felicidade. Seja em qual direção estivermos, nos dá uma alegria, ouvir o condutor do ônibus anunciar: Monlevade, parada de vinte minutos! Significa quase metade do trajeto vencido, meio sucesso! Costumo descer tonta, me sentindo enjoada, por efeito das últimas espirais de velocidade. Ainda bem que tem café, pão de queijo, e se pode esticar as pernas.

Se estamos em carro particular, sem querer, sai este discurso: Graças

a Deus, já estamos em Monlevade! Outra meta de meio sucesso foi alcançada! É a melhor chance de almoçar com folga, espairecer, encontrar borracheiro, um pernoite, talvez.

Preciso conhecer Monlevade, é a nossa amiga nas paradas de sucesso!

Na minha carteirinha de viajante da BR 381, tem algumas historinhas anotadas. Entre anos 1960 e 70, ela era pouco mais que um caminho de terra. Na estação da seca, trituração pelas rodas dos veículos, a estrada tornava-se poeira fina que se levantava às alturas. Quando criança, saíamos de Valadares de manhã cedo, e chegávamos tarde da noite em Belo

Horizonte, sempre com episódios da jornada para contar. Era uma aventura. E não havia escapatória: vidros do carro fechados e calor insuportável, ou, abertos, deixando o pó amarelo dominar. Qual carro tinha ar-condicionado? Nunca soube.

Tempos depois, a rodovia estava quase toda pavimentada, mas o trânsito intenso e as características do traçado sobre montanhas e vales já impunham a duplicação. Ah, as expectativas! A execução das obras, porém, foi acontecendo com a eternidade de verbo no gerúndio - se iniciando, parando, reiniciando, parando - virou caso de looping ao infinito. Só viajantes gabaritados sabem do carrossel de emoções experimentadas quanto às melhorias na estrada: esperança, frustração, raiva, desânimo, resignação - depois, novamente esperança, frustração, raiva, desânimo...

De volta às memórias, nos meses chuvosos, a estrada se tornava uma massa de barro vermelho intenso, até bonito de se ver. Carros como o amado fusca da Volkswagen, que vinham voando pelas curvas fechadas de longuíssimas alças, descendo as encostas como loucos, apostando corridas com carretas vazias, quando não despencavam no abismo, de

France Gripp - poeta, contista e cronista. Professora, mestre em Estudos Literários.

Valadarense, moradora de Belo Horizonte.

Publicações: O rei dos imóveis - novela (2021), As Aventuras de Bera Titan - narrativa infantojuvenil (2020), Coração incendiário: poesia (2014), Trilíli Paralela - poesia infantil (2011).



repente, eram barrados pelo barro.

Certa vez estive em um desses, atolado feito um besouro sem asas, entre veículos de todos os tipos e tamanhos. Então apareciam carroceiros, caminhão de reboque, mecânicos, todos a postos, além de curiosos de boa vontade. Auxiliavam a desatolar essa gente que teimava em viajar no tempo das chuvas. Carregar cordas, cabos, ganchos, lanternas, arames, era indispensável. Não se descartavam, porém, equipamentos movidos a feição: tinha hora que era preciso juntar a força de braços, para empurrar um veículo morro acima, do contrário, nada se movia, ninguém passava.

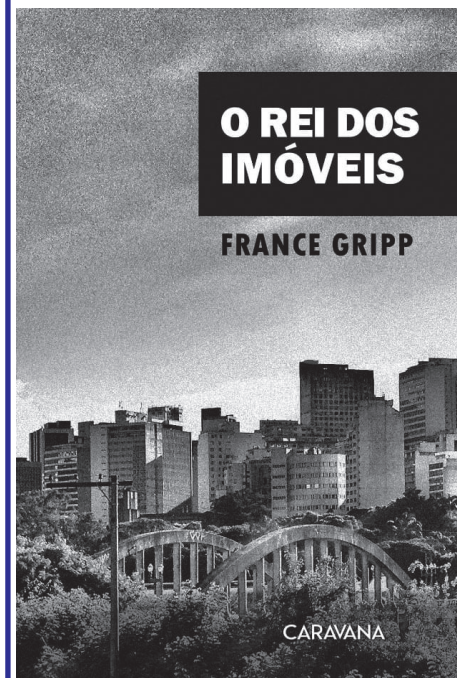
Naquela ocasião, enquanto se aguardava a vez do guincho, sempre tinha alguém compartilhando uma farofa (muito bem-vista, então), uma garrafa de café, uns biscoitos, vendendo laranjas da beira-de-estrada. Às vezes, havia boas conversas fiadas, mas também bate-bocas: - Você me cortou pela direita, cara! - e arengas domésticas: Eu falei pra você não entrar por ali! Crianças choravam, brincavam, e de repente todos se mandavam de volta para o carro: - Entra, entra, que agora a fila vai andar! Nada de telefone celular, coisa nenhuma tecnológica, a não ser o rádio e o toca-fitas do carro, talvez, um fortuito radioamador na região. E a fila ensaiava, mas não desenrolava.

O jeito era torcer para que não anoitecesse depressa, ou para que amanhecesse logo e, enquanto isso, contemplássemos o céu estrelado, conversando sobre extraterrestres e estrelas cadentes. Os parentes tinham que se contentar com os noticiários.

Meu trânsito pela rota BH-GV aumentou a ponto de descobrir que, na pressão de viajar às vésperas do Natal, da Sexta-feira Santa, era possível comprar passagens de ônibus e ir de pé, até onde descesse o primeiro passageiro. Coisas passadas.

Até que, tempos depois, aconteceu um fato que me deixou resabiada com a rotina das viagens. Prestes a viajar sozinha de carro, desci do apartamento com a mala e um saco de lixo para depositar na lixeira da garagem. Joguei o saco fora, e deixei a mala ali ao lado. Quando cheguei a Monlevade, é que dei pela coisa. Foram cinco dias sem lenço nem documentos em Valadares! Ao voltar, encontrei o olhar curioso e divertido do zelador, que me restituiu o achado da garagem. Melhor desfecho, impossível.

Sugestão de leitura



O rei dos imóveis

Uma agitada semana de trabalho de um grupo de corretores de imóveis, em busca do sucesso. As emoções, angústias e expectativas de todos que convivem nesse ambiente.

Preço: R\$48,00

Pedidos: @france.gripp ou www.francegripp.com.br

Frete grátis para todo o país.

Arte de Bordar

Projeto de formação gratuita para mulheres em artes e bordados chega a Monlevade

Fotos: Anna Chini

Oferecer oficinas profissionalizantes para mulheres, com formação em bordado em pedrarias. Essa é a proposta do projeto A Arte de Bordar, realizado em João Monlevade entre os dias 31 de julho e 12 de agosto.

A formação é ministrada pela artista Fernanda Nadal, que possui trajetória internacional e trabalhos com grandes marcas do mundo da moda. O projeto é voltado para moradoras dos bairros Santa Cruz, Centro Industrial, Pedreira, Jacuí, Vila Tanque, Areia Preta e Baú.

A artista é fundadora do Atelier & Escola Fernanda Nadal, no Paraná que, há duas décadas é referência quando o assunto é bordado. Entre linhas, agulhas e pedrarias, ela oferece a oportunidade de mulheres terem suas vidas transformadas a partir da arte e da geração de economia e renda. design.

O projeto, viabilizado pela Fundação ArcelorMittal, via Lei Federal de Incentivo à Cultura, ofertará ao longo de 25 horas de curso, a capacitação e o ensino de técnicas da arte de bordado em pedraria, qualificando as participantes para o

mercado de trabalho. A proposta é uma oportunidade das participantes se capacitarem para o mercado de trabalho e gerar renda para si e suas famílias.

As participantes, moradoras de bairros do entorno da Usina, formam duas turmas. Uma para 50 mulheres dos bairros Centro Industrial, Santa Cruz, Pedreira e Jacuí, outra para 50 mulheres dos bairros Vila Tanque, Baú e Areia Preta.

As oficinas são combinadas com palestras sobre desenvolvimento sustentável e economia circular, que acontecerão durante as próprias formações.

Conforme a autora do projeto e responsável pela oficina, Fernanda Nadal, a iniciativa promove impactos positivos na vida das participantes. “Acreditamos que, com certeza, essa será uma ação de impacto sociocultural em João Monlevade. Estou muito feliz por desenvolver este projeto, capacitar tantas mulheres para o mercado de trabalho e levar arte à vida de cada uma delas. Agradeço à Fundação ArcelorMittal por acreditar e confiar nesta ação”, afirma.



Oficinas ensinam técnicas de bordados em pedrarias

Kits de bordado

O projeto entregou kits de bordado, compostos por tecido, agulha, fio e pedrarias, às mulheres participantes do projeto, para que elas possam iniciar a criação das suas primeiras peças após a qualificação. Além disso, as participantes recebe-

ram cartilhas com o passo a passo da arte de bordar, para consulta durante e posteriormente às aulas. Entre as temáticas desenvolvidas nas formações, estão o aprendizado de dezesseis pontos de bordado em pedraria e formas de arremate.

Participação na Feira de Economia Popular Solidária

Ao fim da formação, marcado para o dia 12 de agosto, as 100 participantes vão expor o resultado de suas criações na edição mensal da Feira Popular de Economia Solidária, promovida pela Solidariarte, próximo à Igreja Sagrado Coração de Jesus. Além disso, neste dia, serão entregues certificados para comprovação da formação recebida.

Fernanda Nadal destaca que o sentimento é de gratidão e muita alegria de compartilhar seus conhecimentos com as monlevadenses. “Por ter a oportunidade de levar conhecimento a tantas mulheres, saber que muitas terão transformações socioeconômicas importantes após esta formação, como já aconteceu em outros projetos que realizei”, diz.



Projeto fortalece empreendedorismo feminino e dá opção de renda para mulheres

Circuito cultural Milton José de Sena

SHOW “MIGRAÇÕES: BRASIL / ITÁLIA”

O cantor monlevadense Toni Júlio, que vive em Milão (Itália) há 30 anos, está de volta a Monlevade para uma apresentação especial. Ele é a atração do Circuito Cultural Milton José de Sena, que o clube o Real Esporte Clube, promove no dia 26 de agosto. O artista sobe ao palco às 20h acompanhado

do pelos músicos Marcelo Pereira (professor de música da Uemg/ BH), no saxofone e flauta; Dan Soares (da dupla Dandá), na percussão e, em algumas canções, no violão, e Lauzin Santos, violão e baixo. O show contará ainda com participação especial das cantoras Norma de Jesus e Márcia Fonseca em duas músicas.

O repertório reúne trabalhos de autores negros como Itamar Assumpção e Naná Vasconcelos, composições do CD Pílulas Musicais, de Toni Júlio, gravado com a sua banda em 2021 em Milão, e composições do compositor, poeta e letrista monlevadense Wir Caetano, em parceria com o baiano Zecrinha.

História das canções

O título do show remete tanto à condição de imigrante de Toni Júlio quanto a dos africanos escravizados no Brasil, a partir do século XVI, migrantes forçados, e à “migração”

de propostas estéticas que ligam as canções do repertório. Conforme a programação, os alunos da Escola de Música Daniel Bahia farão a abertura do evento às 19h.

Cantor monlevadense Toni Júlio, que vive na Itália, volta a Monlevade para o show “Migrações”

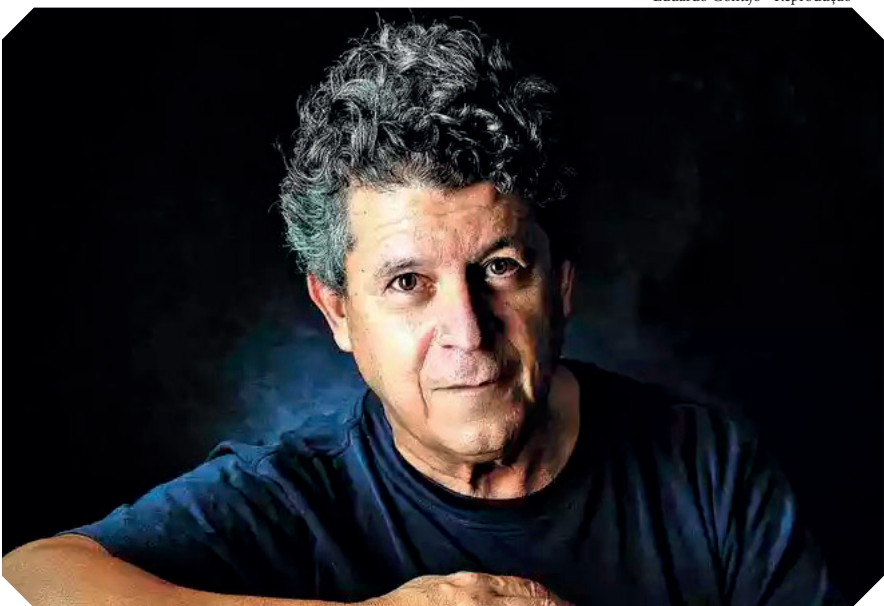


Reprodução - Instagram

Prata da casa: Celso Adolfo lança “Pratiano” em sua cidade natal

Cantor e compositor faz show no aniversário de São Domingos do Prata

Eduardo Gontijo - Reprodução



digitais) é uma referência ao município onde ele nasceu em 1952. Conforme o artista, para compor a canção que dá nome ao disco, ele se inspirou em uma foto, aos 8 anos, em São Domingos do Prata.

“Estou de calças curtas, mãos no bolso, sapato envernizado, camisa branca e paletó. Me achava o cara mais elegante do mundo com aquela roupa. Olhei para a foto e me fiz uma pergunta: O que eu pensava com aquela ida-

de? Aí, a melodia e a letra foram surgindo em minha cabeça”, declarou ao Jornal Estado de Minas. Segundo Celso, a música tem várias tiradas de um menino que tinha 8 anos, com o cara de 70 descrevendo aquilo”. A letra é cheia de memórias autobiográficas e fala do menino pratiano, de coreto, de andorinhas na igreja, bandas de música, chuvas de dezembro e a trajetória de vida do homem que encontra seu destino.

O disco

Segundo Celso, “o disco não é aquela declaração explícita e objetiva à minha terra. É maior do que isso, porque, a partir da minha terra, é que fui entender o mundo. E o estou entendendo agora com as músicas deste disco”. O álbum tem 18 faixas inéditas e traz uma única e inusitada parceria:

“Os rios”, poema de Henriqueta Lisboa musicado pelo compositor. As músicas foram escritas e compiladas durante a pandemia, em 2021 e trazem bem ao estilo de Celso Adolfo, valsas, boleros e sambas. Além dessas, o músico criou o gênero “Coco Calangado”, que dá nome a uma das faixas.

O cantor e compositor Celso Adolfo lança seu novo disco, “Pratiano”, em São Domingos do Prata. O artista volta à cidade natal, no dia 5 de agosto e se apresenta nas comemorações do aniversário de 133 anos do município em show na Praça da Matriz,

a partir das 19h. Em 2023, o violonista também celebra 40 anos de carreira, iniciada com o álbum “Coração Brasileiro”, produzido por Milton Nascimento, em 1983.

O nome “Pratiano”, 11º disco de Celso Adolfo (que já está disponível nas principais plataformas

Jovens querem turismo e cultura para inclusão no mercado de trabalho

Flávio Lial/Acom CMJM



Participantes do projeto junto a vereadores e coordenadores

“Fomentar o turismo nas cidades mineiras através da criação de um programa de inclusão de mão de obra de jovens em situação de vulnerabilidade, devendo tal programa, conter cursos de capacitação voltada a promoção de cultura”. Essa é uma das propostas defendidas por jovens monlevadenses na Plenária do Parlamento Jo-

vem de Minas (PJ), realizada recentemente, pela Câmara de João Monlevade.

A ação tem por objetivo priorizar as propostas elaboradas pelos jovens, após oficinas de formação sobre o tema: “Jovem e Mercado de Trabalho”. Agora, as propostas serão levadas para a plenária Regional, prevista para ocorrer em agosto, em Itabira. Após,

as matérias priorizadas vão para a Plenária Estadual na Assembleia Legislativa de Minas (ALMG) no mês de setembro.

O legislativo monlevadense é um dos pioneiros do PJ no Médio Piracicaba. O município integra o polo regional, ao lado de Itabira, São Gonçalo do Rio Abaixo, Catas Altas e Rio Piracicaba.

Confira outras propostas:

Subtema 1 - Desenvolvimento Econômico e Geração De Trabalho

Participação do Poder Público com mineradoras e terceiro setor visando o aproveitamento dos resíduos gerados pela mineração na construção civil, na fabricação de tijolos, cerâmica, telhas e etc. utilizando a mão de obra dos jovens e recuperando das APAC's. Além de retirar os resíduos da natureza, as empresas ganham em isenção fiscal e incentivo para se instalar nas cidades.

Subtema 2 - Escolaridade e Mercado de Trabalho

Parceria de estágio para o jovem que tenha curso profissionalizante ofertado pelo Estado e ou Município. Implantação de cursos profissionalizantes em áreas periféricas e rurais para torná-los mais acessíveis para a população de baixa renda.

Subtema 3 - Jovens em Situação de Vulnerabilidade no Trabalho

Criação de um canal de comunicação oficial estadual (virtual) para as empresas divulgarem suas ofertas de trabalho com todas as informações e pré-requisitos para o ingresso,

bem como o status de preenchimento ou não da vaga. Para garantir acesso a quem não tem internet as secretarias de educação ficariam responsáveis pela divulgação nas escolas. Criar e incentivar instituições a se instalarem em áreas periféricas, onde seriam contratados mão de obra local, com aulas diversas como pintura, música, costura, informática, oratória, entre outros. Permitindo uma nova fonte de custeio para esses jovens através da arte, retirando os jovens da vulnerabilidade.

Debater o preconceito

Além da priorização das propostas na Plenária Municipal, os jovens escolheram o tema que será votado na Plenária Estadual. A proposta sugerida pelos alunos de João Monlevade é: Preconceito contra os jovens LGBTQIAPN+. O presidente da Câmara, Fernando Linhares (União), parabenizou os jovens pelo trabalho e empenho na elaboração das propostas. “É gratificante e inspirador ver o engajamento dos jovens nas questões políticas. Tenho certeza de que a participação destes estudantes no projeto será fundamental em suas formações”.

7º FESTIVAL GASTRONÔMICO DE BELA VISTA DE MINAS

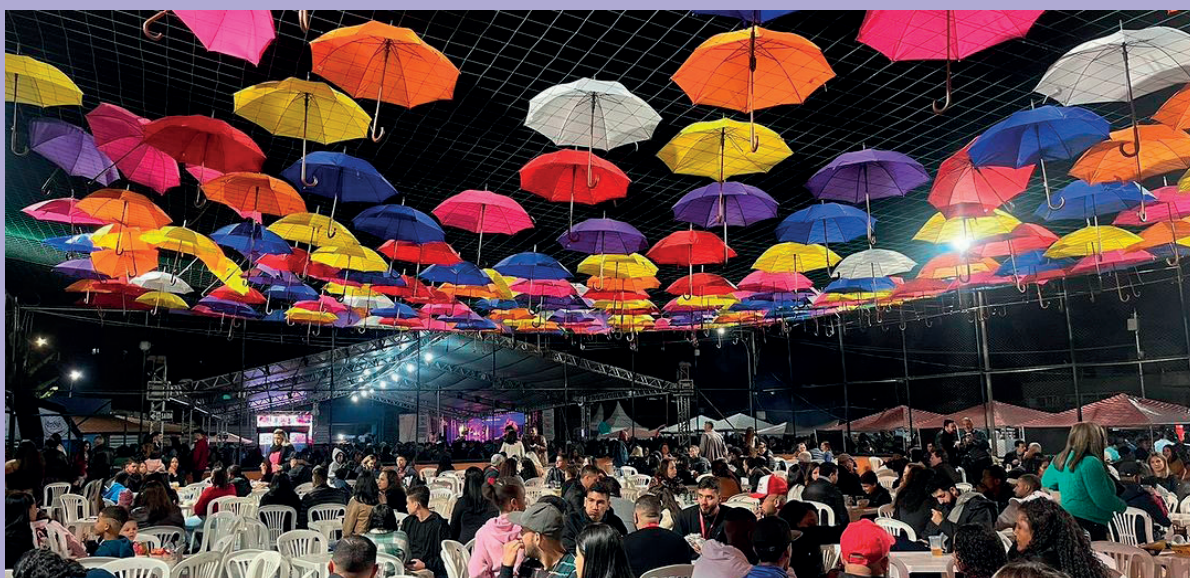
Estrutura, variedade gastronômica e atrações culturais fazem receita de sucesso

Boa comida com variedade de sabores, organização, estrutura e valorização de artistas regionais garantiram mais uma edição de sucesso do 7º Festival Gastronômico de Bela Vista de Minas.

O evento promovido pela Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Bela Vista de Minas (Aciabel) com apoio da Prefeitura Municipal foi realizado entre os dias 7 e 9 de julho e movimentou a cidade, atraindo grande público do município e de toda a região.

Neste ano, participaram 27 bares e restaurantes com diversas opções de pratos especiais e bebidas variadas.

Pela primeira vez, a festa aconteceu no Es-



Espaço de lazer Bela Vila recebeu Festival Gastronômico pela primeira vez

paço de Lazer Bela Vila, que ofereceu excelente infraestrutura, além de segurança e conforto aos participantes.

ARTISTAS REGIONAIS

Além da infraestrutura que contou com decoração espe-

cial, tendas, centenas de mesas e espaço infantil, o Festival Gastronômico teve atrações musicais valorizando artistas da cidade e da região: Ao longo dos três dias do evento, se apresentaram Garcia do Piseiro, a dupla

Jhony & Dênis, Baile do Madrugá, Marconi & Diego, Dinney Furacão, Rômulo Rás e Samba Raiz e o grupo Samba Club.

O presidente da Aciabel, Roberto Valamiel de Oliveira, destacou o apoio incondicional da

Prefeitura e demais parceiros, como os servidores públicos, toda a diretoria da associação, a Câmara Municipal, Polícia Militar, aos expositores participantes e dos patrocinadores locais e da região do Médio Piracicaba.

ba. “Agradecemos a todos os que apoiaram. Mais uma vez, o Festival comprovou seu sucesso, promovendo o turismo gastronômico, fomento do comércio local e valorizando as atividades culturais. É um ganho, sem dúvida, para todos”, afirmou.

A prefeita Samantha Ávila (PSDB), prestigiou o evento e também elogiou a iniciativa. “Melhor Festival Gastronômico da região. Apoiamos a iniciativa porque é importante valorizar nossos produtores e empreendedores locais, com produtos de qualidade, além da boa música e momentos de descontração para as famílias do nosso município” disse.